EDUCAÇÃO FÍSICA INTERCULTURAL: DIÁLOGOS COM OS JOGOS E BRINCADEIRAS GUARANI[1]

Gislane Ferreira[*]
Giuliano Gomes de Assis Pimentel[**]

RESUMO

Este artigo aborda a temática indígena nas aulas de Educação Física a partir da educação intercultural. Para tanto, apresenta a base teórica dessa perspectiva pedagógica e, a partir da pesquisa com intervenção, descreve trabalho desenvolvido nas aulas de Educação Física com alunos de uma 5ª série do ensino fundamental – séries finais (atualmente sexto ano). O trabalho desenvolvido permitiu a produção de um material pedagógico utilizando a Peteca nas aulas de Educação Física, considerando a confluência entre educação intercultural e pedagogia crítica no ensino do conteúdo jogos e brincadeiras.

Palavras-chave: Cultura Indígena. Jogos e brincadeiras. Educação Física.

PHYSICAL EDUCATION INTERCULTURAL: DIALOGUE WITH GAMES GUARANI

ABSTRACT

This article deals with indigenous accost in Physical Education classes from intercultural education. It presents the theoretical basis of this pedagogical perspective, and from the research intervention, describes work in physical education classes with students from a 5th grade education - final series (currently sixth year). The work enabled the production of a teaching material using *Peteca* in physical education classes, considering the confluence of intercultural education and critical pedagogy in teaching content games.

Keywords: Indigenous Culture. Games. Physical Education.

INTRODUÇÃO

Este texto visa à problemática da educação intercultural nas aulas de Educação Física. Ultrapassando a ideia única de estar voltada apenas para o ensino do gesto motor correto, cabe ao professor de Educação Física problematizar, interpretar, relacionar, compreen-

[1] Este texto se situa no contexto da dissertação de mestrado intitulada "Cultura Lúdica na comunidade Indígena Verá Tupã'i de Campo Mourão-PR", desenvolvida no período de 2011 a 2013, no Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Educação Física.

[*] Mestre em Educação Física pelo Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Educação Física. Docente na educação básica no Estado do Paraná e na Faculdade Integrado em Campo Mourão-PR.

[**] Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá nos cursos de graduação, mestrado e doutorado em Educação Física.

der com seus alunos as amplas manifestações da cultura corporal de tal forma que os alunos compreendam os sentidos e significados presentes nas práticas corporais (DARIDO, 2001).

As questões valorativas, embora vivenciadas em aulas de Educação Física e até mesmo incluídas em alguns planejamentos, estão sendo colocadas em xeque e discutidas com maior profundidade a partir dos parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1997).

O tema transversal - Pluralidade Cultural - e a possibilidade de orientação dos conteúdos que incluem a dimensão atitudinal, permitem e encorajam o olhar para o interculturalismo, abrindo-nos novas ideias e caminhos em direção a um planejamento mais real, seguro e abrangente. Para tanto, é necessário não esquecer que a Educação Física, como componente curricular, encontra-se num contexto intercultural – a escola – e, sendo assim, seus responsáveis – os professores – devem trabalhar em sintonia com as outras disciplinas, propondo inclusive, mudanças curriculares que possibilitem a inclusão deste tema (BRASIL, 1997).

A Legislação Nacional Brasileira (BRASIL, 2008), sob a lei nº 11.645/08 – Art. 26-A, diz respeito à inclusão e obrigatoriedade do estudo da História da África, cultura afro-brasileira e indígena, ou seja, os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, público ou privado, deverão abranger em seu currículo escolar o estudo e a aplicação desses conteúdos.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas: social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008).

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira (BRASIL, 2008).

Assim, ao desenvolver as práticas indígenas – jogos e brincadeiras no ambiente escolar, especificamente nas aulas de Educação Física - entendemos que além de observar os cuidados com a saúde, elas devem ser oportunizadas como forma de reconhecer a especificidade de cada cultura, seus sentidos e seus significados.

Os jogos e brincadeiras fazem parte do patrimônio cultural dos povos indígenas e seu conhecimento e sua valorização é importante para a reafirmação étnica desses povos. Portanto, a escola indígena e *não* indígena tem o dever de identificar, problematizar e registrar as práticas corporais – jogos e brincadeiras tradicionais e propiciar pela educação sua transmissão como conhecimento historicamente acumulado e relevante para a formação humana.

Frente a essa problemática, desenvolvemos um estudo na comunidade

Guarani *Verá Tupã´i*, Campo Mourão, Paraná, a fim de identificar jogos e brincadeiras desse grupo e como tais práticas são tratadas pedagogicamente por educadores Guarani. Já este artigo aborda a temática indígena nas aulas de Educação Física e descreve o trabalho desenvolvido nas aulas de Educação Física com o conteúdo Peteca, focando uma educação intercultural e crítica por meio do conteúdo jogos e brincadeiras.

Nesse sentido, se espera que a compreensão da interculturalidade dos jogos/brincadeiras Guarani contribua para a diminuição dessa "distância" criada entre a cultura ocidental e a indígena, valorizando e respeitando cada uma delas como patrimônio histórico-sócio-cultural.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO

O trabalho foi realizado em 2011 a partir da *práxis* da primeira autora como professora de Educação Física da rede estadual de ensino no município de Peabiru-PR. A intervenção foi feita com uma turma de 5ª série do ensino fundamental – séries finais (atualmente 6º ano). Como produto final buscava-se a produção de um material pedagógico para o trabalho com a Peteca nas aulas de educação física, focando uma educação intercultural e crítica por meio do conteúdo jogos e brincadeiras.

O estudo se subdividiu em cinco momentos e tratou de experimentar o ensino da Peteca de forma contextualizada na perspectiva crítico superadora, sendo esta a perspectiva utilizada por ser a apresentada pelas diretrizes curriculares da educação básica para a Educação Física no Estado do Paraná (PARANÁ, 2008).

A pedagogia crítico-superadora defende uma perspectiva dialética, ou seja, uma visão de transformação qualitativa, de mudanças, aquela que considera o constante movimento que presenciamos na realidade, uma visão de totalidade para a construção do conhecimento, auxiliando assim na formação de um indivíduo inserido na sociedade. Os conteúdos devem estar ligados diretamente com a realidade dos alunos, para que estes possam aprender realmente, assimilando os conteúdos com os dados da realidade e não apenas decorando e praticando naquele momento, mas entendendo o significado para a sua vida (SOARES et al., 1992).

Nessa perspectiva pedagógica o conteúdo Jogos e brincadeiras é tratado levando em consideração a cultura Guarani, objetivamente na prática da peteca. Pedagogicamente, as aulas foram ministradas com os seguintes objetivos: 1) Socializar aos educandos os conhecimentos ao entorno da prática corporal da Peteca; Buscar com estes: conhecer, vivenciar, compreender suas dimensões históricas, sociais e culturais, ressignificá-la, transformá-la, praticá-la e repraticá-la dotada desses significados históricos; 2) Promover a partir da perspectiva crítico-superadora, a consciência crítica, promovendo o acesso às possibilidades reflexivas, contidas na vivência da pluralidade da Peteca; 3) Desenvolver, segundo as necessidades expostas nas Diretrizes Curriculares para a Educação Física, a coordenação motora, a orientação espaço-temporal, o equilíbrio, as

valências físicas, a expressão corporal, a espontaneidade de movimentos, a autonomia frente à cultura corporal de movimento, a canalização positiva da agressividade, o respeito mútuo, o sentimento de coletividade e o reforço da identidade cultural brasileira.

Referente à apresentação e descrição das aulas ministradas a partir da perspectiva crítico-superadora, estas tiveram como suporte a utilização de instrumentos como o plano de ensino e os planos de aula, o diário de campo, gravador e máquina fotográfica digital.

O ENSINO DA PETECA NA ESCOLA

Ao pensar a organização e desenvolvimento das aulas estas foram divididas em alguns momentos conforme os objetivos propostos. Dá-se início então ao:

- 1º MOMENTO (2 AULAS): As aulas iniciais tiveram como ponto de partida o levantamento de questionamentos e problematizações que permitissem identificar qual o conhecimento prévio que os estudantes possuíam sobre a cultura indígena, em especial sobre a cultura lúdica Guarani. A partir das conversas realizadas com as crianças foi possível verificar que elas representam o indígena como um ser mitológico, distante da sua realidade, que vive em florestas e matas, que sobrevive da caça, da pesca, da coleta de frutos e da agricultura, exatamente as informações descontextualizadas que parte dos livros didáticos apresentam sobre o indígena brasileiro, como se fossem todos da mesma etnia, do mesmo grupo linguístico, tivessem as mesmas tradições, costumes, modo de vida e apresentassem as mesmas práticas corporais.

> *"Ahh, o que eu sei é que eles vivem nas florestas, e que eles caçam e pescam pra viver".* (Larissa – 10 anos).

Após levantar as primeiras informações sobre o conhecimento das crianças referente à cultura indígena de forma geral, buscou-se propor questionamentos onde fosse possível verificar o que elas conhecem sobre a cultura lúdica indígena. A partir de suas falas observa-se:

> *"Os índios gostam de nadar no rio, eu acho que isso é brincar, porque eu também gosto de nadar no rio e isso é brincar pra mim".* (Gabriela, 11 anos).
>
> *"Eles sobem em árvores, eu já vi uma vez na tv eles subindo numas árvores bem altas".* (Leonardo, 10 anos).
>
> *"Eles jogam bola também, uma vez eu também vi na televisão eles jogando futebol".* (Rafael, 10 anos).

Foi possível verificar muita dificuldade dos estudantes em apontarem brincadeiras e jogos que fizessem parte da cultura lúdica indígena. As crianças não sabiam o que dizer, e verificou-se que o que imerge da sua memória são as práticas corporais apresentadas vez ou outra pela mídia, em especial a televisão.

A partir destas primeiras conversas estabelecidas com os estudantes, deu-se início a uma contextualização sobre a cultura indígena Guarani, com o olhar voltado para os seus jogos e brincadeiras. Utilizou-se de textos informativos, pesquisas na internet e amostra de vídeos sobre jogos indígenas e um vídeo

sobre os jogos dos povos indígenas (dimensão conceitual).

Ao observarem algumas práticas corporais expostas nesses vídeos, as crianças mostraram-se bastante eufóricas, já que conheciam alguns desses jogos, mas não sabiam que eram praticadas no contexto indígena.

> *"Ahhh professora, isso aí eu conheço, nem sabia que os índios jogavam também... (risos)" (falando da bolinha de gude).* (Cristian, 11 anos).
>
> *"Essa dos fios eu já vi, mas faz tempo que não brincamos mais". (falando da cama de gato).* (Janaina, 11 anos).

Sobre as atividades acima mencionadas, não há registros que de que estas sejam originalmente provenientes de alguma das etnias indígenas do Brasil, mas são práticas recorrentes na dinâmica cultural das crianças indígenas. Os estudantes também já vivenciaram outras práticas, as quais relacionaram mais diretamente à ideia de criação autóctone, percebendo a herança lúdica dessas atividades em nosso cotidiano. A esse respeito, destacamos algumas falas:

> *"Eu tenho um estilingue, as vez nós matamos uns passarinho lá perto do rio pra comer... (risos)".* (Giovane, 10 anos).
>
> *"Noooossa, eles eram fortes pra carregar esses troncos" (falando da corrida da tora).* (Marco, 10 anos).
>
> *"Esse jogo é muito legal, uma vez nós fizemos uma peteca dessas na escola, vamos fazer professora?"* (Sarah, 10 anos).

A partir do interesse demonstrado pelas crianças durante as conversas com relação aos jogos e brincadeiras indígenas, foi proposto a elas um trabalho com a Peteca. E assim se fez.

- 2º MOMENTO (2 AULAS): Iniciou-se o segundo momento propondo alguns questionamentos aos estudantes para que pudéssemos realizar uma discussão sobre a Peteca. Ali as crianças puderam relatar tudo o que conheciam referente à Peteca. Posteriormente, fez-se uma contextualização sobre ela, apontando como os indígenas a confeccionavam, como jogavam, como eram as regras (dimensão conceitual).

Sobre a descrição referente à Peteca utilizou-se a apresentada por Lucas Tsupto – Etnia Xavante ([s.d] apud GRANDO, XAVANTE E CAMPOS, 2010, p. 116) a qual utilizamos como base para as intervenções.

> Os meninos formavam dois grupos, um grupo posiciona-se em oposição ao outro grupo. Quem estiver com a peteca, dá o início ao jogo. Um atira a peteca contra qualquer outro grupo, este por sua vez, desvia a peteca, ou cata com as mãos sem deixar escapar. Qualquer um desses grupos dá o troco. Assim continua o jogo, não há perdedor, nem ganhador, apenas é observado as possibilidades de cada indivíduo, termina o jogo quando todos decidem parar de jogar.

De acordo com Kishimoto (1999) a Peteca é um brinquedo muito conhecido por várias comunidades indígenas, alguns especialistas apontam a sua origem estritamente brasileira, proveniente de tribos tupis do Brasil. Entre os indígenas, geralmente ela é confeccionada em palha de milho, com enchimento de areia ou serragem, e com penas de galinha.

Após essa intervenção com caráter mais teórico, pediu-se para que as crianças trouxessem os materiais necessários (especialmente palha de milho e penas) para a confecção das Petecas semelhantes aquelas realizadas pelos Guarani, oportunizando-se então a criação das mesmas numa próxima aula (dimensão procedimental).

Chegado o momento tão esperado, a confecção da Peteca prenhe de ludicidade, conforme apontam os estudantes:

> *"Vichi, eu me diverti mais quando a gente fez a peteca de palha. (risos)".* (Matheus, 10 anos).
>
> *"Fazer a peteca de pena foi a mais legal. Deu uma bagunça de palha e pena".* (Mayara, 10 anos).
>
> *"O mais legal foi brincar com a peteca de palha, porque foi a gente que fez igualzinho dos índios".* (Janaina, 10 anos).

Conforme observado nas respostas, nota-se que confeccionar esse brinquedo com os alunos teve um sentido e um significado para eles. Eles apreenderam o conteúdo e ao mesmo tempo brincaram e se divertiram muito.

Oportunizar aos alunos a construção de brinquedos, a partir de materiais alternativos, discutindo a problemática do meio ambiente por meio do (re) aproveitamento de sucatas e a experimentação de seus próprios brinquedos e brincadeiras, pode dar outro significado a esses objetos e a essas ações respectivamente, enriquecendo-os com vivências e práticas corporais (PARANÁ, 2008).

3º MOMENTO (2 AULAS): Neste terceiro momento permitiu-se que as crianças pudessem participar mais efetivamente reinventando o jogo da peteca, propondo diferentes formas de jogar e elaborando as regras do jogo (dimensão procedimental).

Durante uma conversa com os alunos eles propuseram a confecção de uma peteca de jornal e conversaram sobre a forma como esta seria realizada. Do mesmo modo, o grupo pensou em diferentes formas de jogar e como seriam as regras. Os estudantes levantaram a possibilidade de jogar em pequenos grupos dispostos em círculos; jogar num único círculo com toda a turma; jogar um contra um; em duplas e um grupo contra o outro utilizando diferentes espaços da quadra e do pátio. A primeira regra por eles pensada era a de não deixar a peteca cair, posteriormente, conforme o desenvolver dos jogos novas regras eram acrescentadas como: não dar mais que um toque por pessoa; o grupo poderia rebater a peteca quantas vezes quisesse antes de passar para o grupo adversário; o grupo não poderia dar mais que três rebatidas antes de passar para os adversários.

> *"Fazer a peteca de jornal foi fácil, mas ela estraga muito rápido, a gente dá umas rebatidas e já era". (risos).* (Carlos, 10 anos).
>
> *"A peteca de jornal até a gente pode fazer sozinho em casa".* (Naiara, 13 anos).

Fizeram-se algumas intervenções utilizando as ideias dos estudantes. Eles realmente demonstraram muito interesse e entusiasmo em participar da aula, visto que todos participaram da mesma.

Este momento das intervenções foi muito importante, pois permitiu a partir da utilização da Peteca que as crianças se socializassem umas com as

outras, compartilhassem seus conhecimentos, conhecessem um pouco mais sobre a cultura Guarani, bem como, se desenvolvessem de forma integral.

A ação motora faz parte da vida do ser humano e todas as manifestações corporais são concretizadas pelas suas operações motoras, sendo estas a interação entre o fazer, o saber-fazer, os seus efeitos, as relações e as coordenações promovidas por aquele que faz. Tal processo é condição possibilitadora da tomada de consciência, pelos alunos, dos sistemas de significação nos quais suas ações estão inseridas (PALMA; OLIVEIRA E PALMA, 2008).

É importante destacar, que durante a realização das aulas, a professora sempre atuava como mediadora das atividades, organizando as crianças e sempre propondo questionamentos que permitissem a sua construção do conhecimento referente à cultura indígena.

> Ao considerar que a aprendizagem é o objetivo do desenvolvimento curricular, evidenciamos que aprender, no contexto escolar, é reelaboração, reconstrução e recriação, de forma ativa e crítica, de um conhecimento/saber pelo aluno, quando este estabelece uma constante interação com o meio. Sendo um processo endógeno, a aprendizagem deve ser analisada pela qualidade das interações e das coordenações feitas pelos estudantes, e isso compreende organização e atribuição de significado ao aprendido, o que pode garantir a continuidade das aprendizagens – aprender a aprender (PALMA, OLIVEIRA E PALMA; 2010, p. 20).

- 4º MOMENTO (3 AULAS): O objetivo principal deste momento foi incentivar os estudantes a 'pesquisarem' sobre algum esporte que fosse similar ao Jogo de Peteca. Para isso, questionamentos foram feitos e as crianças conduzidas até o laboratório de informática para realizarem tal busca (dimensão conceitual). Logo eles descobriram o tênis, o vôlei e o *badminton,* este último mais semelhante ao Jogo de Peteca, por utilizar como um dos instrumentos do esporte a própria peteca/volante. Conforme desenvolviam a pesquisa, muitas inquietações e curiosidades surgiam, incentivando os estudantes a pesquisarem mais para conhecerem a história do esporte e suas regras. Isso permitiu que fizéssemos uma discussão/reflexão sobre o surgimento de algumas práticas esportivas que foram inspiradas e/ou pensadas a partir de jogos tradicionais antigos.

Em aula posterior, apresentou-se aos estudantes a raquete e o volante/peteca oficial utilizado no jogo de *badminton.* Todos puderam manusear os aparelhos. Propus então às crianças realizarmos um jogo utilizando volantes amadoras (dimensão procedimental). Como esperado, todas concordaram com muito entusiasmo.

O jogo foi considerado divertido, mas algumas crianças encontraram dificuldades em realizá-lo, pois a peteca/volante é mais pesada do que a peteca que foi confeccionada por eles de palha e de jornal.

> *"Ah, eu gostei de jogar com a peteca oficial, mas é muito difícil, dói a mão, prefiro do jeito dos índios, é mais divertido".* (Sarah, 10 anos).
>
> *"O que eu mais gostei foi jogar com a peteca de plástico, essa sim é boa (risos)".* (Leonardo, 10 anos).
>
> *"Gostei de saber que a peteca dos índios foi copiada e é usada num esporte hoje".* (Lorraine, 10 anos).

Pode-se notar a partir das falas das crianças, que elas conseguiram relacionar o que estava sendo praticado com as discussões realizadas sobre a cultura lúdica indígena. De fato, é recorrente a eficácia do jogo no processo de aprendizagem:

> A utilização do jogo e das brincadeiras potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que jogos ou brincadeiras (KISHIMOTO, 1999, p.38).

- 5º MOMENTO (2 AULAS): Este foi o último momento das intervenções, quando se focou na realização de uma conversa com os estudantes, relembrando e refletindo sobre todas as aulas desenvolvidas, e, os questionando sobre o que apreenderam referente à cultura Guarani e a cultura lúdica Guarani, bem como sobre as atitudes e comportamentos demonstrados no desenvolvimento das aulas (dimensão conceitual e atitudinal).

Após o término das discussões com os estudantes, foi solicitado que eles representassem o que aprenderam sobre a cultura Guarani e sobre a Peteca por meio de um texto e de desenhos, sendo esta uma forma de avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Mesmo não tendo sido relatado no desenvolver do estudo, pois esse não era o nosso objetivo, faz-se uma menção aqui que no decorrer de todas as aulas houve a necessidade de intervir promovendo discussões com as crianças diante de algumas posturas comportamentais e atitudes inadequadas diante de algumas discordâncias de opiniões sempre buscando tornar essa situação educativa (dimensão atitudinal).

Foi possível notar que todo o trabalho realizado foi significativo às crianças, pois durante a conversa quase todas quiseram relatar sobre o que aprenderam referente ao conteúdo e o que mais gostaram de fazer. "Quando ensina, o professor desenvolver um conjunto de operações/procedimentos que transformam o currículo em prática real" (PALMA, OLIVEIRA E PALMA, 2010, p. 20).

Um dos pressupostos básicos destas intervenções foi demonstrar que realmente há possibilidade de realizar um trabalho nas aulas de educação física utilizando a cultura lúdica indígena como conteúdo, promovendo de certa forma, que os estudantes conheçam e vivenciem um pouco da história que constitui a nossa identidade sociocultural, a valorizando e respeitando.

Apesar de este estudo ter sido realizado com estudantes da 5ª série - que por meio da prática e experiência da professora de educação física, podemos dizer que são mais receptivas e participativas que crianças de outras séries

do ensino fundamental – séries finais. Outra dificuldade enfrentada, mas apenas no início, foi tornar esse conteúdo atraente aos olhos das crianças, para tanto, para isso se fez uso de diferentes recursos como: textos, atividades, imagens, vídeos, pesquisa na internet, entre outros, para que estas realmente se envolvessem com as aulas propostas.

Durante as intervenções realizadas, pudemos visualizar e registrar vários momentos de interação e colaboração entre as crianças, principalmente durante a confecção das petecas, percebendo o sentimento de coletividade e a socialização entre elas. Outras contribuições foram notórias: a ampliação do conhecimento dos educandos sobre a cultura indígena e cultura lúdica indígena (Peteca) a partir da perspectiva crítico-superadora, ficando isso explícito nos discursos das crianças conforme exposto no texto, onde em vários momentos foi possível problematizar e refletir sobre a temática trabalhada; as crianças puderam vivenciar diferentes movimentos corporais provindos da prática do jogo da Peteca, bem como, transformar essas práticas, expandindo o seu repertório motor.

Essas representam apenas algumas das contribuições oportunizadas pelas intervenções realizadas. Alguns devem pensar que outros conteúdos poderiam promover tais benefícios aos estudantes e representariam menos incômodo ao professor. Isso é certo, mas também há de se afirmar, que talvez nenhum deles permitisse um diálogo intercultural, valorizando e respeitando essa cultura que compõe a nossa identidade nacional – a cultura indígena.

AUTOCRÍTICA À INTERVENÇÃO

Apesar de este estudo ter obtido sucesso ao propor a utilização do conteúdo jogos e brincadeiras indígenas – Peteca aos estudantes da 5ª série do Ensino Fundamental – Séries Finais, não podemos afirmar e garantir que obterá o mesmo sucesso ao ser proposto para estudantes de outras séries do Ensino Básico.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas ao realizar essas intervenções na escola, foi desenvolver um conteúdo que não é próprio da cultura do não indígena, havendo a necessidade de me fundamentar teoricamente. Aqui, surgiu o problema maior para o desenvolvimento das aulas, encontrar disponível um material pedagógico teórico e prático consistente sobre a cultura Guarani e a cultura lúdica Guarani, sistematizado e organizado que pudesse contribuir para um trabalho na Educação Física escolar.

Após fazer a releitura desse trabalho desenvolvido, embora aparentemente a aula não tenha apresentado deficiência didática ou motivacional, ele, numa perspectiva cultural, carecia de situar – de forma fundamentada - o conhecimento da cultura corporal indígena. Para tanto, antes de novas intervenções didático-pedagógicas se fazia necessário o contato com o conhecimento acadêmico já produzido sobre (não o índio genérico) o Guarani (e, ainda assim, sabendo do limite da existência, por sua vez, de um Guarani genérico, engessado no tempo e no espaço).

Sendo assim, se as intervenções fossem hoje desenvolvidas, tra-

ria como suporte teórico e empírico para o ensino da Peteca as referências que foram utilizadas na dissertação da primeira autora sobre o Guarani paranaense, bem como, o material que foi coletado em campo durante a pesquisa com os indígenas de *Verá Tupã ´i*. Enfim, conhecer e reconhecer a cultura numa terra indígena mostra o quanto ainda reificamos a cultura indígena na escola, mesmo que de forma bem intencionada.

O professor não indígena pode correr o risco *ocidentalizar* as práticas corporais indígenas (D'ANGELIS, 1999) a partir de uma leitura equivocada das mesmas, talvez por não compreender o contexto em que essas práticas se fizeram/fazem presentes e por não ter vivenciado tais práticas, estando elas muito distantes da sua realidade cotidiana. Entretanto, essa é uma tensão presente na prática pedagógica do professor, pois ao mesmo tempo em que ele se sente inseguro e não instrumentalizado para ministrar aulas que envolvam a temática indígena, ele precisa desenvolvê-las conforme proposto na lei 11.645/08.

Para tanto, durante as intervenções, quando as crianças da escola não indígena demonstraram ter dificuldades em apontar jogos e brincadeiras da cultura indígena, traria a tona àqueles que foram narrados pelos professores indígenas em *Verá*, onde as crianças teriam um conhecimento referente a uma cultura de um grupo que está muito próxima da sua realidade, o que talvez despertasse maior interesse pela temática e efetivamente trabalhando numa perspectiva intercultural.

Nos momentos em que se propôs uma discussão sobre a Peteca, como descrição utilizaria a que foi narrada pelo professor indígena, utilizando a mesma organização do jogo e as mesmas regras. Entretanto, além de trabalhar o jogo em si conforme as narrativas de um professor Guarani, promoveria uma discussão inicial sobre como um jogo pode apresentar características que representam a vida sociocultural de um povo, relacionando esses aspectos culturais encontrados no próprio jogo com o modo de vida Guarani.

Durante as aulas em que o jogo da Peteca foi desenvolvido de forma prática, iria reforçar como este é praticado dentro da cultura Guarani, apontando a sua ausência entre as crianças da comunidade *Verá* na atualidade devido às modificações que ocorrem na cultura com os passar dos anos num processo de intercâmbio cultural.

Quando foi solicitado que os estudantes pesquisassem sobre um esporte semelhante ao jogo de Peteca e foi lhes apresentado o *badminton*, seria a oportunidade de promover uma reflexão sobre o processo de transformações de práticas corporais tradicionais em esporte, esportivizando seus movimentos originais dando-lhes um caráter competitivo, mecanicista, distanciando-se de suas origens e de seus objetivos socioculturais. Assim, dialogando sobre as várias práticas corporais existentes que deveriam ser respeitas, valorizando as suas origens e seus significados, não admitindo que uma cultura seja a dominante e que todas estejam sob sua tutela, atendendo um sistema que visa apenas o lucro e convive com a exclusão social.

Conforme o exposto observa-se que se as intervenções fossem realizadas após a interação com a comunidade Guarani, ao invés de antes dela, certamente com o conhecimento adquirido a educadora assumiria novos encaminhamentos que pudessem levar os estudantes a uma reflexão mais ampla e um conhecimento efetivo sobre a cultura indígena e a cultura lúdica indígena demonstrando o que ela representa para formação da nossa formação nacional.

Ademais, o trato pedagógico com a cultura requer ultrapassar a dicotomia hodierna entre setores tidos como progressistas na Educação Física, com diferenças entre aquelas que partem do plano da cultura na perspectiva sociocultural e aqueles que tomam a cultura corporal na visão materialista. Afinal, de qual cultural a Educação Física trata e como isso pode nos ajudar na educação intercultural?

Daólio (2004) afirma que cultura é o principal conceito para a Educação Física, uma vez que todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos específicos. Partindo dessa premissa, argumenta que o profissional de Educação Física:

> [...] não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano na suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza (DAOLIO, 2004, p. 2-3).

Ainda segundo Daólio (1995) para que uma perspectiva cultural seja realmente efetivada nas aulas de Educação Física, deve haver a preocupação com o "outro", um "outro" que precisa ser considerado e respeitado, com uma prática de distante da subjugação e do preconceito, sendo necessário, para tanto, considerar o princípio da alteridade.

Betti (1994) aponta que os conteúdos e métodos da Educação Física devem incluir todos os alunos, bem como o programa da disciplina ser capaz de oferecer uma variedade de atividades que permita ao aluno escolher criticamente e de forma valorativa, seus fins em relação às atividades da cultura corporal de movimento. Segundo o autor a Educação Física deve expressar dois grandes princípios: o da não exclusão e o da diversidade.

A contribuição pedagógica da Educação Física está na sistematização das práticas corporais, aqui compreendidas como movimentos corporais executados em situações de ginástica, de modalidades esportivas, de jogos populares, de lutas, de danças e de atividades do cotidiano. Essas práticas corporais devem ser compreendidas à luz da pedagogia do movimento, não devendo, portanto, se esgotarem em si mesmas, assim como devem relevar os contextos socioculturais em que foram criadas ou adotadas (OLIVEIRA e DAÓLIO, 2011).

Um fato que chama bastante atenção é que, embora muito se tenha discutido sobre a importância de promover

reflexões frente à diversidade cultural e sua incorporação no currículo, isso não está acontecendo efetivamente, ou quando acontecem são algumas discussões isoladas, impedindo uma maior consistência ao debate, pois são tratadas por poucos professores ou em disciplinas específicas. Isso pode ser observado na área da Educação Física escolar e formação dos professores em Educação Física, onde se tem um conjunto de conhecimentos a serem desenvolvidos, pautados por saberes técnicos e práticos onde as discussões sobre cultura e diversidade, que estão presentes, não são focalizados ou tidos como referência para a construção do conhecimento, pois são tratados muito isoladamente em raras disciplinas, como exemplo podemos citar a Educação Física como um campo de disputa em torno dos conhecimentos (especialmente frente a hegemonia do esporte) a serem privilegiados na grade curricular.

Na tentativa de abarcar temáticas para a discussão sobre a temática indígena na escola, Grando (2010) organizou um livro intitulado como "Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola", que reúne uma série de questões que nem sempre são tradas conjuntamente, embora devessem sê-lo: escola e brincadeiras, técnicas corporais e raciocínio, culturas indígenas e conhecimentos científicos, jogos infantis e regras sociais. Essa possibilidade de associar fontes de conhecimentos pouco reconhecidas pela tradição científica e pela rotina escolar é um dos grandes méritos dos projetos que desenvolvem com cuidados os princípios da interculturalidade. Esse parece ser o caso dos projetos que geraram os artigos que compõe esta coletânea organizada por Grando.

Essa coletânea se trata de um material inicial para quem pretende desenvolver um trabalho na escola e nas aulas de Educação Física, pois apresenta a riqueza de um patrimônio cultural resguardado e transmitido por crianças e jovens indígenas no Brasil; demonstra a centralidade da brincadeira para caracterizar a agudeza do pensamento indígena: a atenção aprofundada, a habilidade precisa, a discriminação detalhada de diferenças ínfimas, a importância da materialidade como matriz do raciocínio, a qualidade estética; e revela a pertinência de usar os jogos e brincadeiras como possibilidades para o diálogo intercultural nas escolas.

Trabalhar as temáticas indígenas não é tarefa fácil, exige estudo, dedicação e comprometimento por parte do professor. Entretanto, deve-se buscar enfrentar esses desafios postos e nos colocar frente aos fatos e aos nossos pares da academia, buscando refutar e construir conceitos que não só localizem o lugar da disciplina educação física e seu estatuto epistemológico, mas que ampliem também os saberes, com a sistematização do conhecimento oriundo da indianidade brasileira.

Alguns professores de Educação Física, já se engajaram nessa luta e buscam desenvolver um trabalho diferenciado em suas aulas abordando a temática indígena. Muitos trabalhos já desenvolvidos permitem aferir que realmente existe a possibilidade real de intervenção pedagógica na Educação Fí-

sica abrangendo as temáticas indígenas e promover um diálogo intercultural na escola. Para tanto, esforços são cada vez mais necessários, visando à ampliação do entendimento sobre os povos indígenas. A legislação tornou obrigatória a temática história e cultura indígena, as quais podem ser ministradas no âmbito de todo o currículo escolar, inclusive na Educação Física. Ao se pensar as práticas corporais indígenas no ambiente escolar, devemos entender que elas precisam reconhecer a especificidade de cada etnia, os seus sentidos e significados que elas fazem para cada cultura.

Assim, para além de ensinar os conteúdos dentro de uma perspectiva intercultural, a finalidade da prática pedagógica escolar deve buscar formar seres sociais "emancipados" e, para objetivar uma prática escolar que possa conquistar essa finalidade, pode-se exemplificar a Pedagogia Histórico-Crítica. A mesma se preocupa com uma formação humana que garanta a apropriação dos conteúdos a partir de um método que seja condizente com a realidade, inserindo a escola como uma das instituições que venham a contribuir com a organização da sociedade socialista.

A Pedagogia Histórico-Crítica segundo Saviani (2003) aponta que:

> (...) o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Segundo Magalhães (2012) a Pedagogia Histórico-Crítica ao resgatar a importância do saber sistematizado para ser ensinado na escola revela-se estratégica para conduzir a prática escolar. Precisar ser destacado que essa prática precisa ser conjunta aos movimentos sociais e movimentos extraparlamentares que venham buscando uma política radical, visando à organização de sua consciência de classe para si. Contudo, algumas análises necessitam ser realizadas para que os professores, ao visarem uma prática escolar emancipatória, não sejam idealistas quanto às suas possibilidades de intervenção.

Dessa forma, articular uma mediação no processo de ensino que vise problematizar a prática social ou a mediocridade cotidiana exige dos docentes uma luta permanente contra o seu estranhamento em relação a si, seu estranhamento em relação ao outro e seu estranhamento em relação à realidade por um lado e, por outro, a luta incessante pela alteração radical das condições postas de trabalho na atual sociedade (MAGALHÃES, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho educativo é uma atividade mediadora entre o sujeito e a cultura produzida historicamente pela humanidade. Deve ser realizado de forma intencional e regido pela finalidade de garantir a universalização das máximas possibilidades geradas pelo processo histórico de desenvolvimento do gênero humano a todos os sujeitos, indistin-

tamente, de modo que possa contribuir de forma afirmativa para a prática social dos educandos.

Assim, para a construção de práticas e diálogos interculturais no âmbito escolar muitos desafios devem ser vencidos. Não basta apenas a construção conceitual e a aplicação de metodologias, pois o fator principal são os docentes e os estudantes, e estes devem estar motivados, interessados e engajados nesse desafio, onde a escola de maneira efetiva inclua a temática indígena na sala de aula, pois por seu papel de formação da criança, adquire um potencial estratégico capaz de atuar para que os indígenas passem a ser considerados não apenas como um "outro", a ser imaginado, mas como um sujeito concreto, produtor de cultura.

Embora ainda se torne um desafio para a maioria dos docentes realizarem intervenções que realmente despertem o espírito crítico e abordem a questão intercultural como fator primordial de suas aulas utilizando as práticas corporais da cultura indígena, acredita-se que isso é possível mesmo que aconteçam erros conforme observado com a experiência utilizando a Peteca, entretanto são necessárias muitas tentativas exigindo esforço e dedicação por parte do docente para se instrumentalizar e capacitar teoricamente para que a temática indígena seja reconhecida como uma possibilidade de estratégia pedagógica e diálogo intercultural nas escolas.

A riqueza de se relacionar a Educação Física – jogos e brincadeiras com atividades do cotidiano indígena (caça, pesca, construção das casas, etc.) abarca representações para as crianças indígenas e não indígenas, com a possibilidade de serem multiplicadas em várias outras situações e com docentes de diferentes lugares do país. Sendo assim, se queremos pensar a diversidade, valorizando e respeitando a cultura indígena devemos dialogar com as várias manifestações humanas para enriquecer nossas possibilidades de ser.

Já ao ser ensinado no contexto da escola não indígena, o conteúdo jogos e brincadeiras indígenas precisam ser carregados de sentidos para que a sua prática seja significativa aos estudantes. Por isso que o professor de Educação Física ao propor desenvolver em suas aulas uma prática pedagógica que promova uma educação intercultural deve se apropriar de conhecimentos referentes à cultura indígena para que a teoria fundamente a prática, e que prática apresente os aspectos fundamentais e que representem essa cultura, foi o que se buscou fazer com os estudantes da quinta série do Colégio Estadual Olavo Bilac ao propor o conteúdo jogos e brincadeiras indígenas – Peteca.

Se o professor tivesse o conhecimento referente à cultura Guarani que pudesse sustentar a sua prática, poderia suscitar transformações na conscientização dos educandos e demais colegas chegando até aos condicionantes sociais, tornando o processo ensino-aprendizagem em algo realmente significativo, em prol de uma educação transformadora, que supere os *déficits* educacionais e sociais atuais.

Mesmo sabendo das dificuldades a serem enfrentadas ao ministrar aulas

que envolvam a temática indígena, o importante é que o professor busque se aproximar do entendimento da cultura indígena e de suas práticas lúdicas, e possibilite, embora com limitações, que os estudantes conheçam e vivenciem tais práticas, valorizando e respeitando uma cultura que é formadora da nossa identidade nacional.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. *Valores e finalidades na educação física escolar: uma concepção sistêmica.* Rev. Bras. de Ciênc. do Esp. RBCE. v.16, n. 1, p. 14-21, 1994.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais.* Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Lei 11645/08 de 10 Março de 2008.* Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/93966/lei-11645-08> Acesso em: 25 mar 2012.

D'ANGELIS, W. R. *Contra a ditadura da escola.* Cadernos Cedes. v. 19, v. 49, p. 1-8, 1999.

DAÓLIO, J. *Da cultura do corpo.* Campinas: Papirus, 1995.

DAÓLIO, J. *Educação Física e o conceito de cultura.* Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, S. C. *Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências dificuldades e possibilidades.* Rev. Pers. Educ. Fís. Esc. v. 2, n.1, p. 5-25, 2001.

GRANDO, B. S. (Org.) *Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola.* Cuibá: EdUFMT, 2010.

GRANDO, B. S.; XAVANTE, S. I.; CAMPOS, N. S. *Jogos-brincadeiras indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos.* In: GRANDO, B. S. (org.) Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuibá: EdUFMT, 2010.

KISHIMOTO, T. M. (Org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MAGALHÃES, C. H. F. *Obstáculos na Pedagogia Histórico-Crítica no cotidiano da escola.* Maringá: Eduem, 2012.

OLIVEIRA, R. C.; DAÓLIO, J. *Educação intercultural e Educação Física escolar: possibilidades de encontro.* Pensar a prática. v. 14. n. 2, p. 1-11, 2011.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. *Educação Física e a organização curricular: educação infantil e ensino fundamental.* Londrina: Eduel, 2008.

PARANÁ. *Diretrizes curriculares da educação básica – Educação Física.* Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Departamento de Educação Básica. 2008. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/edfisica.pdf> Acesso em: 12 mai 2010.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.* Campinas--SP: Autores Associados, 2003.

SOARES, C. L. et al. *Metodologia do ensino da Educação Física.* São Paulo: Cortez, 1992.